

TENNYSON E PORTUGAL

M. Aline Ferreira
Universidade de Aveiro

No ano em que se comemora o centenário da morte de Tennyson, 1992, parece oportuno repensar e reconstruir a visita que o poeta efectuou a Portugal em 1859, acompanhado de F.T. Palgrave e F.C. Grove.

Esta visita tem, de facto, merecido pouca atenção por parte dos críticos. Rose Macaulay dedica-lhe um espaço muito limitado no seu livro *They Went to Portugal*, (1) e D.B.G. Wicks, no seu curto artigo «Tennyson in Portugal», além de apresentar algumas incorrecções, não explora todo o material existente. (2)

Tennyson nutria há longos anos a ambição de visitar Portugal, Espanha e o Norte de África. Ansiava, segundo Palgrave, por ver 'the palms and temples of the South', um desejo que só concretizaria parcialmente, pois nunca chegou a ir mais além de Portugal, não prosseguindo a sua viagem até Cádiz, Sevilha e Tenerife como desejava. (3)

Não é tarefa fácil reconstituir fielmente as opiniões de Tennyson durante esta sua visita a Portugal, pois só nos restam cartas suas endereçadas a sua mulher, Emily Lady Tennyson e um brevíssimo diário de viagem a que o seu filho, Hallam Tennyson, chamou 'My father's letter-diary' (4) e que reproduz em *Alfred Lord Tennyson: A*

(1) 'The Laureate in the Heat: Alfred Tennyson and F. T. Palgrave' em Rose Macaulay, *They Went to Portugal*, Harmondsworth, Penguin Books, 1985, pp. 187-189.

(2) D. B. G. Wicks, 'Tennyson in Portugal', *Tennyson Research Bulletin*, vol. 1, n.º 2, November 1968, pp. 25-31.

(3) 'Presently, however, that craving for "the palms and temples of the South" which he was never to gratify, fell upon Tennyson; and he began to long in vain to push onward to Teneriffe'. Diário manuscrito de F. T. Palgrave, 1859, p. 7. Este diário foi publicado posteriormente, após extensas revisões, numa revista de duração efémera, *Under the Crown*, em 1868. A este propósito veja-se também a obra de Hallam Tennyson, filho do poeta: *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, vol. II de *The Life and Works of Alfred Lord Tennyson*, em 12 volumes, Londres, Macmillan & Co., Limited, 1898, p. 276.

(4) *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, op. cit., p. 275.

Memoir em paralelo com excertos do diário de Palgrave. Este é um diário bastante pormenorizado, que foi publicado em 1868 numa revista intitulada *Under the Crown*, segundo indica Gwennllian F. Palgrave no livro de memórias que escreveu sobre o seu pai ⁽⁶⁾ (e não em 1869 como refere D. B. G. Wicks). ⁽⁷⁾ De acordo com Wicks, a Biblioteca do Museu Britânico possuía uma cópia da referida revista, entretanto destruída durante a guerra, pelo que aquele não conseguiu consultá-la. ⁽⁸⁾ Existe, no entanto, um outro exemplar de *Under the Crown*, na Bodleian Library, em Oxford, o qual examinei cuidadosamente. Além disso, o 'Tennyson Research Centre', em Lincoln, possui as notas manuscritas de Palgrave que, embora de difícil leitura, contém um valiosíssimo manancial de observações. Estas notas de viagem diferem por vezes substancialmente da versão publicada em *Under the Crown*, extensamente revista e modificada, de modo que o cotejo cuidadoso das duas versões constitui uma decisiva fonte de informação.

A ideia geral resultante da leitura das cartas ou diário epistolar de Tennyson que o seu filho compilou e editou parece indicar que a viagem a Portugal não foi um sucesso, e a imagem que emerge do país não é muito lisonjeira. No entanto, temos de ter em conta que o curto diário de Tennyson transmite uma parcela muito limitada das suas opiniões sobre Portugal e que é através do diário de Palgrave, que frequentemente escreve na primeira pessoa do plural, assimilando assim às suas as percepções de Tennyson, que descortinaremos de uma forma muito mais segura e próxima da verdade as impressões dos dois viajantes. Assim, à imagem parcialmente negativa de Portugal, colorida pelo calor intenso e os mosquitos que inquietavam o poeta, sobrepõe-se uma outra, muito mais positiva, transmitida por Palgrave e introduzida por um 'nós' que nos dá conta da confluência das suas opiniões com as de Tennyson.

Como introdução à publicação do seu diário de viagem, 'A Fortnight in Portugal in 1859', em *Under the Crown*, em 1868, Palgrave insere uma dedicatória a Tennyson, reflectindo sobre a visão que é transmitida do país e as circunstâncias que a tornaram possível, assim como as limitações que lhe deram forma e de certa maneira resumindo o espírito geral da visita:

We were, indeed, but a few days together in Portugal; and even had I been better qualified to penetrate the spirit of the country, leisure and familiarity with the language would have been requisite for the purpose. But we saw

⁽⁵⁾ *Ibidem*, pp. 275-280.

⁽⁶⁾ Gwennllian F. Palgrave. *Francis Turner Palgrave: His Journals and Memories of His Life*. Londres, Longmans, Green, and Co., 1899, p. 58.

⁽⁷⁾ 'Tennyson in Portugal', *op. cit.*, p. 25. A informação de que *Under the Crown* foi publicada em 1868 é corroborada pela bibliotecária do 'Tennyson Research Centre', em Lincoln, a qual gentilmente me chamou a atenção para esse facto. É de referir, no entanto, que no seu diário manuscrito Palgrave menciona que publicou as suas memórias da viagem a Portugal em 1869 (p. 8).

⁽⁸⁾ 'Tennyson in Portugal', *op. cit.*, p. 25.

enough to be satisfied that Portugal deserves to be much better known to Englishmen than she is, whether in regard to her features of national interest, or to her amiable and intelligent inhabitants. ⁽⁹⁾

Palgrave demonstra, assim, uma invejável ausência de preconceitos que constituíam o apanágio da maioria dos viajantes estrangeiros em Portugal, os quais, a par de muitas constatações rigorosas e pertinentes, permitiam que a sua visão fosse distorcida por ideias preconcebidas e profundamente inculcadas nas suas mentes, sem conseguirem abstrair-se das distintas condições sócio-económicas, políticas e geográficas dos seus países de origem.

Por outro lado, o interesse em relação a Portugal por parte de viajantes estrangeiros, tão apreciável no século XVIII e primeira metade do século XIX, decresce significativamente a partir da segunda metade do século XIX. Parece de facto merecer consenso quase geral a ideia, expressa por Félix Walter, de que 'après 1855 on ne parle plus du Portugal. Les revues cessent de publier des articles sur ce sujet. C'est un silence presque absolu'. ⁽¹⁰⁾ Terminadas as invasões francesas, que suscitaram uma notável abundância de relatos sobre a situação em Portugal, nomeadamente de oficiais ingleses, e com a melhoria das estradas e ligações marítimas, aliadas ao acréscimo do número de viajantes, o país foi gradualmente perdendo a sua qualidade de lugar 'exótico' e tornou-se mais familiar, mais acessível, mais conhecido, deixando de existir, simultaneamente, a necessidade quase compulsiva de escrever sobre ele, de o explicar àqueles que provavelmente nunca teriam a oportunidade de o visitar.

De entre os mais famosos precursores literários de Tennyson contam-se William Beckford, Robert Southey e Byron, cujas obras, que Tennyson conhecia, o entusiasmaram a visitar o país mais ocidental da Europa. Thackeray, por seu lado, fora o que mais recentemente visitara Portugal, tendo-nos deixado a descrição da sua curta estada em Lisboa, onde passou um único dia em Agosto de 1844, em *Notes of a Journey from Cornhill to Grand Cairo*. Tal como Tennyson e a esmagadora maioria dos viajantes ingleses, Thackeray queixa-se do calor estival, assim como da secura e aridez da capital e dos seus arredores. ⁽¹¹⁾

⁽⁹⁾ *Under the Crown*, Dezembro de 1868, p. 3.

⁽¹⁰⁾ Félix Walter, *La Littérature Portugaise en Angleterre à l'Époque Romantique*, Paris, 1927, p. 118. Embora referindo-se exclusivamente à literatura portuguesa em Inglaterra, este crescente desinteresse por Portugal tem um paralelo na gradual diminuição de livros de viagens sobre Portugal, que continuam no entanto a ser publicados, ainda que em menor número. Fran Paxeco, contudo, cita uma pequena lista de obras directamente relacionadas com Portugal, publicadas em Inglaterra a partir de 1853, que consta maioritariamente de traduções de poemas, nomeadamente 'Os Lusíadas' e de episódios do drama de D. Inês de Castro. *The Intellectual Relations Between Portugal and Great Britain*, Lisboa, 1937, pp. 26-27.

⁽¹¹⁾ *Notes of a Journey from Cornhill to Grand Cairo*, Londres, s. d., pp. 27-39. Thackeray considera as ruas de Lisboa 'hot and dusty' (p. 28) e a cidade em geral 'arid, dreary, stony' (p. 28).

O impulso de Tennyson para visitar Portugal deveu-se em parte à recepção favorável do seu livro *Idylls of the King*, publicado em Junho de 1859 e do qual foram vendidos 10000 exemplares na primeira semana depois da publicação. O sucesso do seu livro, que melhorou a situação financeira do poeta e lhe deu grande satisfação, contribuiu de forma decisiva para fortalecer a sua decisão de efectuar a viagem até Portugal, há muito ansiada. (12)

Tennyson deslocou-se a Portugal acompanhado de F. T. Palgrave (13), amigo e grande admirador do Poeta Laureado, compilador da famosa antologia de poesia *Golden Treasury* (1861), usada nas escolas durante muitos anos, e cujos poemas Tennyson ajudou a seleccionar, e de F.C. Grove, um velho amigo de Palgrave e o filho mais velho do Juiz W. Grove. (14)

A viagem parece ter começado auspiciosamente. Tennyson e Palgrave partiram de Londres de comboio, em 16 de Agosto de 1859, em direcção a Southampton, de onde largava o barco da 'Peninsular Oriental Company' que mantinha ligações directas com Lisboa. De acordo com o diário manuscrito de Palgrave, um amigo de ambos, W. H. Brookfield, entrou para a mesma carruagem, em Andover, para satisfação geral, uma vez que Tennyson já não via o seu companheiro de Cambridge há bastante tempo devido aos compromissos profissionais de Brookfield, que lhe deixavam muito pouco tempo livre. (15)

Em Southampton, Tennyson e Palgrave instalaram-se no Hotel Radley. À tarde, visitaram o barco que os levaria até Lisboa, o 'Vectis', que os impressionou muito favoravelmente, pois se encontrava esculpulosamente limpo e pintado. À noite, Brookfield juntou-se aos dois amigos, assim como F. C. Grove e, de acordo com Tennyson, Brookfield proporcionou-lhes um serão muito agradável, com as suas histórias, ditos e anedotas. (16)

(12) Charles Tennyson, neto do poeta, escreve: 'He now felt free to take a holiday and decided that he would gratify a long-standing ambition by visiting Portugal, Spain and North Africa'. *Alfred Tennyson*, Londres, Macmillan & Co. Ltd., 1949, p. 319.

(13) F. T. Palgrave (1824-97) foi Professor de poesia em Oxford de 1885 a 1895. Palgrave é recordado especialmente pela sua obra *The Golden treasury of best songs and Lyrical poems in the English language* (1861, 1897). Tennyson ajudou-o na selecção dos poemas para a primeira edição.

(14) Florence Craufurd Grove era nessa altura um estudante de Direito em Lincoln's Inn, tendo começado a exercer a sua profissão em 1862. Era igualmente conhecido como alpinista famoso, tendo escalado os Alpes e as montanhas do Cáucaso. Em 1864 publicou o livro *The Frosty Caucasus* (Men-at-the-Bar; Allibone).

(15) Veja-se a este propósito o Diário manuscrito de Palgrave, p. 1. Brookfield, no entanto, dá-nos uma versão diferente dos acontecimentos. Segundo anotou no seu diário, Brookfield teria partido de Londres com Tennyson e Palgrave: 'Left London by three o'clock train with Alfred Tennyson and Palgrave. Found Jane and the children at Bullar's, where I joined them at dinner. At nine-thirty to Tennyson and Palgrave at Radley's for a couple of hours when they were joined by Grove who was going with them to Lisbon'. Charles and Frances Brookfield, *Mrs. Brookfield and Her Circle*, em 2 vols., vol. II, 1847-1848, Londres, 1905, pp. 482-483.

(16) Tennyson escreveu numa carta à mulher, Emily Sellwood Tennyson, sobre o seu primeiro dia de viagem: 'Had my warm bath, and boiled fowl for dinner and have been

Depois de uma noite algo perturbada pelos apitos dos comboios, (17) Tennyson, Palgrave e F. C. Grove embarcaram no 'Vectis'. A viagem, que durou quatro dias foi, segundo Tennyson, bastante agradável. (18) Havia poucos passageiros no barco, e a lembrança do espírito bem-humorado de Brookfield, durante o jantar em Southampton, permanecia e animava os amigos. (19)

No dia 20 de Agosto avistaram Vigo, que lhes proporcionou o primeiro vislumbre de um Sul tão ansiado e que, pela impossibilidade de desembarcar, apareceu revestido de atributos ainda mais atraentes. Tennyson escreve de Lisboa, a 21 de Agosto, à mulher, Emily Sellwood Tennyson: 'We merely touched at Vigo which looked fruitful, rolled up in a hot mist, and saw Oporto from the sea, looking very white in a fat port-wine country. It is here just as hot as one would wish it to be but not at all too hot'. (20) A primeira visão que o poeta teve de Lisboa, no entanto, não correspondeu às elevadas expectativas que nutria, e que tinham sido alimentadas por toda uma geração de viajantes ingleses e outros que teciam elaborados elogios à perspectiva deslumbrante que, segundo eles, Lisboa oferecia vista de barco a quem chegava por mar e subia o Tejo, com as suas casas e igrejas brancas e resplandecentes. Tennyson escreve: 'Lisbon I have not yet seen except from the sea, and it does not equal expectation as far as seen (Except the convent chapel at Belém)'. (21)

Depois de instalados no Hotel Bragança, dirigido por um Inglês, os três amigos percorreram Lisboa sob um sol abrasador, (22) tendo visitado a Igreja de S. Vicente de Fora e o Jardim Botânico, o qual deixou uma profunda impressão no Poeta Laureado, de tal maneira que o visitaram novamente. Segundo a descrição de Tennyson, nele cresciam

over the Vectis, the name of the vessel, not Tagus, Tagus being repaired, or running alternatively with the Vectis, the vessel very prettily got up and painted, and apparently scrupulously clean. Brookfield keeps up my spirits by wonderful tales, puns, etc.' *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, editadas por Cecil Y. Lang e Edgar F. Shannon, Jr., vol. II, 1851-1870, Oxford, Clarendon Press, 1987, p. 238. Cf. *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, op. cit., vol. II, pp. 275-276.

(17) Vide carta de 17 de Agosto para a sua mulher. *The Letters of Alfred Tennyson*, op. cit., p. 239. Cf. *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, op. cit., p. 276.

(18) 'a very prosperous voyage though with a good deal of rolling'. Carta a Emily Tennyson, escrita de Lisboa e datada de 21 de Agosto. *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, op. cit., p. 239. Cf. *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, op. cit., pp. 276-277.

(19) 'the spirit of the evening with Brookfield was in the ascendant: T's flow & fertility in anecdote, such as I have elsewhere tried to sketch it, was wonderful'. Diário manuscrito de Palgrave, p. 5.

(20) *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, op. cit., p. 239. Vide igualmente *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, op. cit., p. 277.

(21) Carta a Emily Lady Tennyson, escrita a 21 de Agosto no Hotel Braganza, em Lisboa. *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, op. cit., p. 239. Vide também *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, op. cit., p. 277.

(22) Vide carta de Tennyson a Emily Lady Tennyson, escrita em Sintra a 23 de Agosto. *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, op. cit., p. 239. Também citada em *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, op. cit., p. 277.

palms and prickly pears and huge cactuses [...], and enormous oleanders covered all over with the richest red blossom, and I thought of our poor one at Farringford that won't blossom. There were two strange barbaric statues at the gate of the garden, which were dug up on the top of a hill in Portugal: some call them Phoenician but no one knows much about them. (23)

A exótica e luxuriante vegetação do Jardim Botânico de Lisboa ficou de tal maneira gravada no espírito de Tennyson que é tentador ver ecos dessa influência em poemas escritos depois do regresso do poeta a Inglaterra. 'Enoch Arden', nomeadamente, parece ser um exemplo privilegiado dessa influência. (24) Também Palgrave apreciou o Jardim Botânico mais do que qualquer outro aspecto da cidade, corroborando e ampliando a opinião de Tennyson ao mesmo tempo que proporciona uma visão mais aproximada das vivências do poeta, quando fala na primeira pessoa do plural:

Far beyond these buildings [the Sé (Cathedral) and the Jeronymite Convent of Belem] in interest we thought the little-visited Botanical Garden near the Ajuda. Here, approached through long ascents, white and blazing, was a cool paradise, of a wild and truly southern profusion [...] If living in Lisbon, we could spend many hours, we said, amongst this maize of light and colour and coolness [...] We did come once more [...]. (25)

Ainda em relação a Lisboa, Tennyson expressa o seu desapontamento perante a impossibilidade de visitar o túmulo de Henry Fielding, no cemitério protestante, o qual se encontrava encerrado. (26) Palgrave, no entanto, consegue descortinar mais alguns aspectos dignos de menção na capital, que de certo modo redimiram a desfavorável impressão inicial:

A few more characteristic features, however, appeared when we traversed the further portion of the city, where the ground slopes with inconvenient and picturesque variety,

(23) Carta de Tennyson à mulher, escrita em Sintra e datada de 23 de Agosto. *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, op. cit., p. 239. Vide também *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, op. cit., pp. 277-278. Farringford era o nome da casa de Tennyson na Ilha de Wight.

(24) D. B. G. Wicks escreve a este propósito: 'As Tennyson worked at Enoch Arden the all but tropical Botanical Gardens in Lisbon, and the gorgeous solitude of the Bay of Apples were alive in his mind'. 'Tennyson in Portugal', op. cit., p. 30. Também R. B. Martin corrobora esta opinião quando sugere, referindo-se à viagem do poeta a Portugal, que Tennyson 'did remember the atmosphere and much of the fauna, later using them as background for "Enoch Arden"'. *Tennyson: The Unquiet Heart*, Oxford, Clarendon Press, 1983, p. 432.

(25) 'A Fortnight in Portugal in 1859', op. cit., p. 8.

(26) Carta de Tennyson a Emily Lady Tennyson, escrita em Sintra a 23 de Agosto. *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, op. cit., pp. 239-240. Também citada em *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, op. cit., p. 278.

and many streets are hardly accessible to carriages. Here, hanging gardens, high above the road-way, bright with mimosa and oleander, vines and trellises, tapestried with splendid convolvulus, houses faced by quaintly designed tiles (blue and white the common colour), breaking out into balconies, and crowned often by a half Chinese-like roof – render Lisbon, if not perhaps worth coming to see, yet worth seeing. ⁽²⁷⁾

À tardinha do dia 23 partiram para Sintra, onde chegaram depois de uma viagem de três horas 'over a fair road, edged at first by gardens and stray houses; then between bare downs which, but for the olive and the aloe, might have been Wales or Cornwall'. ⁽²⁸⁾ As descrições extremamente elogiosas de Beckford e Byron tinham de tal modo empoado as perspectivas dos viajantes que o confronto com a realidade teria necessariamente de ser desfavorável. Esperando um lugar onde a pujança e quietude de uma natureza solitária imperaria, encontraram pelo contrário o bulício de uma estância de férias, o que desiludiu os visitantes ingleses. Como Tennyson explica:

I went to see that Cintra which Byron and Beckford have made so famous: but the orange trees were all dead of disease, and the crystal streams (with the exception of a few sprinkling springlets by the wayside) either dried up, or diverted through unseen tunnels into the great aqueduct of Lisbon. Moreover the place is cockney and when I was there, was crammed with Lisbon fashionables and portuguese nobility. ⁽²⁹⁾

Numa carta à mulher, escrita em Sintra a 23 de Agosto, Tennyson reitera esta opinião e confessa: 'Cintra disappointed me at first sight, and perhaps will continue to disappoint, tho' to southern eyes from its ever green groves, in contrast to the parched barren look of the landscape, it must look very lovely'. ⁽³⁰⁾ No entanto, esta primeira impressão negativa foi-se esbatendo progressivamente, e Tennyson parece ter encontrado algumas qualidades dignas de mérito na paisagem da serra de Sintra que o fizeram modificar a sua opinião original. Numa carta de 3 de Outubro, de Farringford, rememorando a sua estada em Portugal, Tennyson recorda:

⁽²⁷⁾ Palgrave, 'A Fortnight in Portugal in 1859', *op. cit.*, p.6.

⁽²⁸⁾ *Ibidem*, p. 11. Cf. a descrição que Tennyson faz do mesmo trajecto numa carta à mulher, de Sintra, a 23 de Agosto: 'In the evening we came on here; the drive was a cold one, and the country dry, tawny, and wholly uninteresting'. *The Letters of Alfred Lord Tennyson, op. cit.*, p. 240. Vide igualmente *Alfred Lord Tennyson: A Memoir, op. cit.*, p. 278.

⁽²⁹⁾ Carta de Tennyson ao Duque de Argyll, escrita de Farringford a 3 de Outubro de 1859. *The Letters of Alfred Lord Tennyson, op. cit.*, p. 244.

⁽³⁰⁾ Carta a Emily Lady Tennyson, escrita em Sintra a 23 de Agosto. *The Letters of Alfred Lord Tennyson, op. cit.*, p. 240. Também citada em *Alfred Lord Tennyson: A Memoir, op. cit.*, p. 278.

Cintra is not without its beauties, being a mountain of green pines rising out of an everywhere arid and tawny country, with a fantastic Moorish-looking castle on the peak, which commands a great sweep of the Atlantic and the mouth of the Tagus: here on the topmost tower sat the King (they say) day by day in the old times of Vasco da Gama watching for his return, till he saw him enter the river: there perhaps was a moment worth having been waited for. ⁽³¹⁾

Palgrave também expressa reticências em relação à sua primeira experiência de Sintra :

An hour's walk at evening showed us that that we were in what might be best called a larger Malvern in Portugal. A long road winds between pretty villas, high terraced gardens, gay with shrubs and flowers and overshadowed by lofty elms. Here and there the stone-pine or cork-tree spoke of the South; else the many well-appointed inhabitants we met, polite parties sauntering and smiling, or riding in easy style, might have made us think we had come to Cintra to find the Bois de Boulogne. ⁽³²⁾

Tennyson, numa carta à mulher, elabora um pouco mais sobre o resto da estada em Sintra: 'I climbed with Grove to the Pena, a Moorish-looking castle on the top of the hill, which is being repaired, and which has gateways fronted with tiles in patterns, these gates look like those in the illustrated Arabian nights of Lane'. ⁽³³⁾ Palgrave, por seu lado, explica que o Castelo da Pena 'is not unworthy of a site so noble, and everywhere forms perhaps the most conspicuous and romantic object in the Cintra landscape'. ⁽³⁴⁾

Também a floresta que rodeia o Castelo atraiu os amigos, que por ela se adensaram em direção ao parque, o qual lhes mereceu os mais rasgados elogios, aliados a interessantes reflexões sobre a respectiva natureza dos jardins portugueses e ingleses. Assim, segundo Palgrave,

Attracted by the leafy abysses beneath us, we left the castle tower and ran with haste, by long, sloping descents, to the lovely park. I never saw an Eden more intricate in paths, or richer in flowers, interspersed in sunny oases amongst the shadows of the dark-green forest, or scattered, as nature called them forth, in the crevices of the rocks, and beside the pathways. Here we wandered long, between hedges of the blue hydrangea, burning often in this brilliant sunlight like flames of sulphur, and through small garden-plots hedged by orange and oleander, and gay within with

⁽³¹⁾ Carta ao Duque de Argyll, *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, vol. II, *op. cit.*, p. 244.

⁽³²⁾ 'A Fortnight in Portugal in 1859', *op. cit.*, p. 11.

⁽³³⁾ Carta a Emily Lady Tennyson, escrita em Sintra a 23 de Agosto. *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, *op. cit.*, p. 240. Cf. *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, *op. cit.*, p. 278.

⁽³⁴⁾ 'A Fortnight in Portugal in 1859', *op. cit.*, p. 12.

far more and richer blossoms than decorate an English autumn. (35)

Palgrave também se refere em termos elogiosos ao Palácio de Sintra, igualmente visitado pelos três amigos, salientando em particular a Sala de Armas e os azulejos, a que chamou a característica dominante do Palácio. Palgrave nota: 'There is no look of feudal force and picturesque grandeur about it; like the Alhambra, it has instead, smallness, colour, and elegance'. (36)

Tennyson, Palgrave e Grove não podiam deixar Cintra sem visitar Monserrat, a famosa vila apalaçada onde Beckford viveu em 1794-5, que encontraram em curso de reparação por ordens do seu novo proprietário inglês. Embora a vista do jardim sobre a serra, a cidade, o castelo da Pena e o Palácio tenha agradado a Palgrave, este é profundamente crítico em relação ao modo de vida do ex-proprietário de Monserrat, facto esse que não consegue dissociar da sua impressão em relação ao palacete. Explica Palgrave:

In other respects, although the garden, spread over and through a little sunny vale beneath the house, is pretty, the name is the most poetical thing about Monserrat. I can hardly consider poetical the recollections of lavished wealth and fantastic luxury, of brilliant genius and life misused and wasted, with which the name of the former owner associates it; yet they should long have a pathetic interest to Englishmen. (37)

Embora Palgrave reitere o facto de Cintra não ter correspondido às expectativas dos viajantes ingleses, um pequeno episódio conseguiu, por breves instantes, fazer esquecer as outras desilusões sofridas. Tennyson e Palgrave tinham alimentado o sonho de se sentar debaixo de uma verdadeira laranjeira, símbolo daquele sul com que tinham ansiado. No seu diário manuscrito, Palgrave dá-nos uma ideia do Portugal que tinham imaginado e que, precisamente por causa daquilo a que Palgrave chamou 'our over-romantic expectations' (38) dificilmente se poderia concretizar:

We had laughingly pictured a land where by clear streams under lofty orange-trees and upon green mossy turf we should sit and talk and smoke together. But hitherto we had only seen, or rather, not seen, the fresh rivulets from the Serra, too precious to be exposed to the summer sun, running in white stone conduits; the orange-trees were but ashes; turf wholly undiscoverable. (39)

(35) *Ibidem*, pp. 12-13.

(36) *Ibidem*, p. 12.

(37) *Ibidem*, p. 113.

(38) *Ibidem*, p. 113.

(39) Diário manuscrito de Palgrave, p. 18. Este, como numerosos outros excertos, não constam do diário revisto e publicado em *Under the Crown*.

Parecia que finalmente o sonho tão acalentado se iria tornar realidade. Palgrave relata pormenorizadamente o frustrante episódio:

Here, however, at last we saw an orange tree in splendour, blooming upon a slope of green turf, with all that lovely view which had charmed the former owner of Monserrat before us. "One of our ideals can be accomplished now", we said, and sat down to smoke beneath the green shadow. Perhaps this ideal was not very romantic — the accomplishment of it certainly was not, when a gardener, in capital Scotch, politely but rapidly ordered us off the grassplot. We begged him to reflect that this was one of the objects for which we had crossed the sea — only one pipe each, and that such a little one! — but green turf was here a thing to be looked at, not to be touched, — an exotic, a rare luxury, — and our petitions were to no purpose. (40)

Como Palgrave pitorescamente escreve no seu diário manuscrito: 'In vain I ventured to say to the countryman of Burns that here was a Poet who had come to Portugal expressly to enjoy his pipe on turf and under an orange-tree. Thus our experience was but another disillusion'. (41)

No entanto, ainda iria ter lugar aquela a que Palgrave chamou 'our most characteristic and interesting excursion', (42) a visita a Colares. Palgrave refere-se à paisagem entre Monserrat e Colares em termos de grande louvor. A praia das Maças também deixou uma profunda impressão nos visitantes ingleses, que ali permaneceram longamente, admirando os pescadores, a grande quietude do local e o Oceano Atlântico.

A 26 de Agosto, numa carta à mulher, a boa disposição de Tennyson e a sua impressão favorável em relação a Portugal transpareciam claramente, apesar de uma incómoda dor de dentes: (43) 'I like the place much better as I know it better'. (44) Por outro lado, Tennyson não conseguira manter o desejado anonimato, apesar de ter assinado o seu nome como 'E. Tennyson' no registo do hotel. Com efeito, um jornalista seu conhecido, Mr Lewtes, espalhou a notícia da presença do Poeta Laureado em Lisboa, num jornal local (45) e desde

(40) 'A Fortnight in Portugal in 1859', *op. cit.*, p. 113.

(41) Diário manuscrito de Palgrave, pp. 19-20.

(42) 'A Fortnight in Portugal in 1859', *op. cit.*, p. 117.

(43) *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, *op. cit.*, p. 240. Cf. *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, *op. cit.*, p. 279.

(44) *Ibidem*, p. 240. Cf. *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, *op. cit.*, p. 279.

(45) É esta a notícia que apareceu na Primeira página do *Jornal do Commercio*, de 23 de Agosto de 1859, terça-feira, e que até agora nenhum crítico ou comentador da viagem de Tennyson a Portugal encontrara e trancrevera: "Poeta Inglez — Chegou no último paquete de Southampton mr. Alfredo Tennyson; o poeta laureado da Inglaterra. Mr. A. Tennyson pode ser considerado como o primeiro poeta inglez da actualidade. Se é inferior a Byron e a Moore, pôde pôr-se a par de Southey e de Wordsworth.

É autor de 2 volumes de poemetos, entre os quaes primam *Locksley Hall*, *The May Queen*, *Marianna*, *The Lord of Burtleigh*, *Lady Godiva*, *In Memoriam*.

essa altura, apesar da gentileza de Mr Lewtes durante a curta estada de Tennyson em Portugal, ⁽⁴⁶⁾ este não parou de ser assediado por admiradores e membros destacados da aristocracia, desejosos de o conhecer, como o Duque de Saldanha, que se lhe dirigiu efusivamente na sala de jantar do Hotel Bragança. A carta de Tennyson à esposa é bastante elucidativa:

The King's Chamberlain has found me out by my name: his name is the Marquis of Figueros or some such sound; and yesterday even the Duke of Saldanha came into the salle a manger, described himself as 'having fought under the great Duke, and having been in two and forty combats and successful in all, as having married two English wives, both perfect women', etc., and ended with seizing my hand and crying out 'Who does not know England's Poet Laureate? I am the Duke of Saldanha. ⁽⁴⁷⁾

No entanto, segundo Tennyson, e apesar dos caçadores de autógrafos ('a certain Don Pedro Something even telegraphed for one after I had returned to Lisbon'), o poeta também conheceu pessoas simpáticas e interessantes. ⁽⁴⁸⁾

De regresso a Lisboa, os visitantes ingleses foram assistir a uma tourada no Campo de Santana. Palgrave compara esta tourada com as espanholas, louvando o espírito humanitário e civilizado do povo português, ao adoptar uma forma menos violenta e cruel de tratar os touros. Por outro lado, o espectáculo não deixou de os desiludir um pouco pela sua monotonia. Como Palgrave explica, a praça de touros encontrava-se

fairly filled with spectators, who took a surprising interest in so frequent and so monotonous a spectacle. As the bull's

Escreveu além d'esta duas obras de maior vulto que são *The Princess* e *Maud*; e a última que publicou ha apenas dois meses *The Idylls of the King*, se por um lado lhe grangeou muitos inimigos, por outro lhe atrahtu numerosos amigos e admiradores e suscitou grande controversia entre as parcialidades litterarias pela novidade do seu estylo caprichoso que não tem imitador na lingua ingleza.

Desejamos que o illustre poeta encontre no delicioso retiro de Cintra amena distracção e descanso dos seus trabalhos litterarios, longe das contendas de escólas rivaes'.

⁽⁴⁶⁾ Vide carta de Tennyson sobre o senhor Lewtes, datada de 9 de Julho de 1860, referida no Catálogo da Casa Sotheby de 20 de Maio de 1975, Lote 395: 'Daily News correspondent — he was very civil to me during my short stay in that city'.

⁽⁴⁷⁾ Carta de 26 de Agosto, *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, op. cit., p.240. Tratava-se de João Carlos, Duque de Saldanha (1780-1876), homem de estado que desempenhou o cargo de embaixador português em Londres a partir de 1871. *Vanity Fair* (2 de Setembro de 1871) traça-lhe o retrato, representando através de caricatura e também no artigo aposto um homem grande em estatura e de temperamento efusivo.

Tennyson vivera uma situação semelhante em 1858, em Copenhaga, onde fora igualmente perseguido por admiradores que o desejavam conhecer. Vide carta de Woolner a Lady Trevelyan, de 18 de Outubro de 1859, Trevelyan Archive, University Library, Newcastle-upon-Tyne, transcrita por Raleigh Trevelyan.

⁽⁴⁸⁾ Vide carta de Tennyson ao Duque de Argyll, escrita de Farringford e datada de 3 de Outubro de 1859, em *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, op. cit., p. 244.

horns are securely guarded, the fight never prolonged to blood, and accidents unknown, this Portuguese amusement becomes a rather pleasing trial of address, and possibly more than the Spanish ... displays the rider's skill. Certainly the recent adoption of this milder form of bull-fight shows a finer sense of humanity and civilisation in the people of Lisbon; yet we could not but feel, that which makes it a more humane sport deprives it of reality. It is the same race of bulls as those which gore and are gored in Spain, and no doubt the same passion and fight is in the animals — but the sense that no harm can possibly come of it to man or beast makes it difficult to believe in the affair as genuine. (49)

A última excursão que os amigos fizeram aos arredores de Lisboa, antes de deixar Portugal, desta vez sem F. C. Grove que já tinha partido, foi a Santarém, a qual, segundo Tennyson 'was greatly enjoyed'. (50) Também Palgrave se mostrou bastante elogioso na longa e detalhada descrição que nos deixou da visita a Santarém, entremeada de reflexões sobre as diferenças e virtudes relativas das paisagens portuguesas e inglesas, sobre religião, a arte de viajar e o seu objectivo prioritário, assim como sobre o estado de conservação dos numerosos monumentos. Palgrave congratula-se igualmente com o facto de, ao deslocar-se a Santarém, terem enfim encontrado uma região 'where Man or Nature speak freely out; but a few hours this morning brought us, and with all the pleasure of the unexpected, from conventionality into romance and ruin, waste and wildness. Without Santarém, our idea of Portugal, imperfect at best, would have wanted its most characteristic colour'. (51)

Santarém, a que Palgrave chamou 'the City of Convents', (52) é descrita pelo companheiro de viagem de Tennyson como 'a labyrinth of narrow and filthy streets, interspersed also with many monastic buildings and churches, and ending in a vast castle area (for the castle lies in ruinous heaps), overlooking from an immense height the river valley'. (53) Palgrave parece não ter ficado muito impressionado com os conventos de Santarém e com a sua arquitectura, que classificou de 'heavy Renaissance', embora reconheça que 'the strange caprice of the southern builders, the inscriptions and figures, and the vast size of the piles, one fractured across the whole massy façade by earthquake, render them very singular and striking as they stand scattered at different angles over the dazzling and dusty level'. (54) No entanto, aquilo que mais encantou Palgrave foi a maravilhosa vista da cidade sobre o vale de Santarém, que ele apelidou de 'undoubtedly ... one of

(49) 'A Fortnight in Portugal in 1859', *op. cit.*, pp. 118-119.

(50) Vide carta a Emily Tennyson de 26 de Agosto de 1859, em *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, *op. cit.*, p. 240. Cf. *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, *op. cit.*, p. 279.

(51) 'A Fortnight in Portugal in 1859', *op. cit.*, p. 119.

(52) *Ibidem*, p. 120.

(53) *Ibidem*, p. 121.

(54) *Ibidem*, p. 120.

the great panoramic landscapes of Europe, and I suppose the least visited'.⁽⁵⁵⁾ Vale a pena transcrever a descrição de Palgrave, partilhada por Tennyson:

Here on a projecting turret we sat long, fixed to the spot by heat, and the noonday stillness, and the noble view, and saw beneath us miles on miles of level land, forest and vineyard, lighted up by the long curves of the green Tagus, dusky with heat and southern vegetation, and dotted with a hundred villages whose names were never heard in England... Nearer the city, the range of hill which ends in the rock of Santarem breaks into many lovely headlands, intersected by stony valleys. Thorny lines of glaucous aloe, here and there throwing out lofty flower-stems, run up the hill-sides planted thick with olive trees, beneath which the sun now cast down long separate shadows, and illuminated the Tagus flowing right below our eyes between wide tawny sandbanks, to the deepest fold of its green and sinuous channel. Boats and rafts glided slowly — oh, how slowly! — down, and yet even thus outran the current, which stole along as if in this strange wild place Time itself were governed by other laws, and the hours longer and more leisurely than elsewhere. — We left our station and what it commanded with regret as the day at length went by, and returned through the town, passing several Gothic churches of earlier date than any at Lisbon or Cintra. ⁽⁵⁶⁾

Apesar de todos os relatos corroborarem o facto de tanto Tennyson como Palgrave demonstrarem o seu crescente agrado pelo que viram em Portugal e da sua gradual tomada de posição cada vez mais favorável em relação a tudo o que testemunharam durante a sua visita, ⁽⁵⁷⁾ o intenso calor e as moscas 'and one thing or another' ⁽⁵⁸⁾ finalmente levaram os dois viajantes ingleses a deixar Portugal sem continuar como anteriormente planeado até Cádiz, Sevilha, Gibraltar, Tânger, Málaga e Granada. ⁽⁵⁹⁾

⁽⁵⁵⁾ *Ibidem*, p. 121.

⁽⁵⁶⁾ *Ibidem*, p. 121.

⁽⁵⁷⁾ Woolner, com efeito, relata, numa carta a Lady Trevelyan, de 18 de Outubro de 1859, que Tennyson 'enjoyed tolerably his trip to Lisbon'. *The Letters of Alfred Lord Tennyson, op. cit.*, p. 241, Nota 1.

⁽⁵⁸⁾ Carta de Tennyson a Emily Lady Tennyson, de 2 de Setembro, escrita de Lisboa. Nesta carta Tennyson explica: 'The heat and the flies and the fleas and one thing or another have decided us to return by the boat to Southampton which starts from this place on the 7th. We propose on arriving at Southampton to pass on to Lyndhurst to spend two or three days in the Forest'. *The Letters of Alfred Lord Tennyson, op. cit.*, p. 241. Cf. *Alfred Lord Tennyson: A Memoir, op. cit.*, p. 279.

⁽⁵⁹⁾ James O. Hoge, o editor das cartas de Emily Lady Tennyson, demonstra alguma confusão geográfica e inexactidão nas suas afirmações quando escreve que Tennyson, na companhia de Palgrave, 'proceeded from Lisbon to Cadiz, then to Tangier, and finally up the Tagus River to the ancient city of Santarem. Disappointed by the scenery in Portugal and tormented by the heat in Spain, Tennyson and Palgrave returned to England, without having fulfilled their intentions of seeing Seville, Malaga, Granada, and Gibraltar'. *The*

Com efeito, em 26 de Agosto, Tennyson expressara a convicção de que prosseguiriam até Espanha: 'It is, I think, now decided that we are to go on to Cadiz and Seville on the 2nd, and then to Gibraltar and possibly to Tangiers, possibly to Malaga and Granada'.⁽⁶⁰⁾ No entanto, como explica Charles Tennyson, o neto do poeta, nem uma complicada rede conseguiu proteger Tennyson dos mosquitos. Além disso, uma ligeira insolação, prontamente tratada por um médico inglês, fê-lo sentir-se suficientemente indisposto para começar a pensar numa possível morte e enterro em Lisboa, ao pé de Fielding, circunstância esta que contribuiu para reforçar a sua decisão de regressar a Inglaterra.⁽⁶¹⁾

Portugal, no entanto, não foi de modo nenhum o único país que Tennyson visitou e onde teve problemas. As dificuldades inerentes à actividade de viajar no século XIX tornaram-se aparentes no ano seguinte, em França, onde a comida com muito alho não agradou a Tennyson, os esgotos deixavam muito a desejar e se tornava bastante problemático arranjar quartos e carruagens. R. B. Martin comenta que pelo menos os insectos não eram tão incómodos como o tinham sido em Itália e Portugal.⁽⁶²⁾ Itália, a grande meca dos viajantes ingleses dos séculos XVIII e XIX, que efectuavam o quase obrigatório 'Grand Tour', era assim colocada a par com Portugal no que se refere aos inconvenientes provocados pelos insectos. Com efeito, em 1851, quando Tennyson e a mulher viajaram até Itália, passaram a maior parte do tempo no quarto, propositalmente escurecido, e protegidos por véus protectores contra moscas e mosquitos.⁽⁶³⁾

Tendo tomado a resolução de deixar Portugal, no entanto, a sua visão do país como que se aguçou, e colocados perante a iminência da partida, o país e os seus habitantes ganharam uma nova perspectiva. Assim, Palgrave dá conta desta mudança de ponto de vista de uma forma exemplar:

Letters of Emily Lady Tennyson, editadas e com Introdução de James O. Hoge, The Pennsylvania State University Press, University Park and London, 1974, p. 140. Na verdade, Tennyson e Palgrave nunca saíram de Portugal nem prosseguiram a sua viagem até Espanha.

⁽⁶⁰⁾ Vide carta de Tennyson a sua mulher, escrita em Lisboa a 26 de Agosto. *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, op. cit., p. 240. Cf. *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, op. cit., p. 278.

⁽⁶¹⁾ 'He had brought an elaborate contrivance to protect him from mosquitoes - a sheet formed into a large bag and ending in a muslin canopy, which was distended by a cane circle and hung from a nail in the wall to accommodate the head and shoulders. This proved so inconvenient, owing to the impossibility of lighting a match or smoking inside it, or reaching anything outside it, that he soon abandoned it and took his chance, only saying grimly that he wished he had a little baby to take to bed with him as a whiter and more tempting bait for his enemies.'

More serious was the sun. A slight stroke of this brought on all his nervousness about his health and he began to talk gloomily of leaving his bones beside those of Henry Fielding, who had died and been buried in Lisbon in 1754. The slight attack was soon put right by an English doctor, but Alfred was not to be persuaded to carry out the original plan'. Charles Tennyson, *Alfred Tennyson*, by his Grandson, London, Macmillan & Co. Ltd, 1949, p. 320.

⁽⁶²⁾ R. B. Martin, p. 438.

⁽⁶³⁾ *Ibidem*, p. 361.

The capital, whether by force of further experience, whether from the natural perverseness which gives a charm to what we did not value till about to lose it, gained much in interest and power to please during the last days of our visit. It seemed to become, though not more rich in special points, more southern, more gay and fantastic. And there was an increasing pleasure in that vivid sky, rounding to the horizon, not through haze, but through purer and more crystalline light, in the white towers, the dark cypresses and olives, sparkling vine-trellises and flowers, seen high against the blue, in the precipitous streets and massive walls, in the vast Bay perhaps above all, where the distant Palmella Castle and hills of Arrabida on the east go daily through a long series of scenic changes in light and shadow, — while on the west the river's mouth and sandbars, and line of sea beyond, gleam all day through with one incessant and blinding splendour. ⁽⁶⁴⁾

O diário de Palgrave, com efeito, é sempre fértil em pormenores e torna-se deste modo um documento valiosíssimo sobre o 'Olhar do Outro' em relação à Lisboa de meados do século XIX, esse olhar tantas vezes crítico e moldado por infundados preconceitos, sobre os quais Palgrave, como homem inteligente, tentava reflectir e abster-se na medida do possível de reproduzir. Assim, quando fala das suas impressões acerca de Lisboa, tem o cuidado de frisar:

The few days we spent altogether in Lisbon would have been indeed insufficient for even a superficial insight into the real life of the inhabitants. Yet, on the smaller points which are seen, or sometimes not seen, when one looks round streets and market-places, churches and palaces, and thus fall more fitly within the scope of the passer-by, we might reasonably feel that we could frame some judgment. In all this, as in general appearance, the peculiarity of Lisbon is that so little is peculiar. The type of face prevalent to English eyes is foreign rather than national, the dress of the citizens quite without mark or character: only the frightful and unmeaning European style which a world-wide acceptance almost justifies France in mistaking for a triumph of French good taste. Up the country it is said that local costumes exist; but we met with little original or novel even around Cintra or Santarem. We saw faces distinguished by character, ugliness or beauty. The men's features are of a better type than the women's. There are many traces of Brazilian intercourse in complexion; occasionally even negro blood interfused. ⁽⁶⁵⁾

⁽⁶⁴⁾ 'A Fortnight in Portugal in 1859', *op. cit.*, p. 122.

⁽⁶⁵⁾ *Ibidem*, pp. 8-9.

Sobre procissões e outras manifestações religiosas que tanto escandalizaram gerações inteiras de viajantes ingleses, Palgrave comenta: 'We saw no processions; priests not more numerous than in any French town... Churches are daily open, and closed early: figures, paintings, and religious emblems hardly more frequent in the streets of Lisbon than of London'.⁽⁶⁶⁾ Outro aspecto que Palgrave nota e que constitui uma melhoria radical em relação ao passado é a limpeza invejável da cidade, que contrasta tão favoravelmente com o lixo que era apanágio das ruas de Lisboa e tão desagradavelmente impressionava os visitantes estrangeiros:

Waggons with solid wheels, genuine Virgilian "plaustra" for rudeness and creaking, drawn by noble oxen, carry country produce into the suburbs. These, and the city at large, are remarkably well kept; paved, frained, and gaslighted. I never saw a town more clean and orderly. All this is a late improvement; Lisbon once rivalled Cologne in evil odour. Beggars also are now rare. ⁽⁶⁷⁾

Palgrave elogia também a utilidade e beleza dos azulejos que recobrem as casas e reflecte sobre o primitivo estado das estradas:

Roads are slowly extending through Portugal; not more than three at present available for carriages start from Lisbon. Perhaps no European country in this respect is in so absolutely primitive a condition. Villages five miles from the capital, even the large town Setubal within fifteen, are accessible only by boats or the saddle. Portugal is as civilised as France; in some essential points more civilised; yet, so far as I could learn, Britain before the Romans fairly represents its existing road system and travelling accommodations. ⁽⁶⁸⁾

O extraordinário valor documental do diário de Palgrave, enaltecido por uma mente bem treinada, é quase inexcedível, diríamos, pela riqueza e variedade dos factos relatados e postos em evidência, que o autor tão habilmente coloca em confronto com outros países da Europa, tendo sido seguramente compartilhados e discutidos com Tennyson. Palgrave explica que considerou justificável a publicação destes factos por ele recolhidos em Portugal

because Portugal is of all European countries perhaps the one least known to Englishmen. If the kind friends to whose courtesy and conversation, at Lisbon and Cintra, we are indebted for many sights and many pleasant memories, chance to read these pages, I trust they will remember that the traveller writes diffidently, and in the spirit of deference

⁽⁶⁶⁾ *Ibidem*, p. 9.

⁽⁶⁷⁾ *Ibidem*, p. 9.

⁽⁶⁸⁾ *Ibidem*, p. 10.

to those who are more intimately acquainted with their country. (69)

De resto, Palgrave não deixa de mencionar a grande cortesia que os dois amigos encontraram em Portugal e que tão favorável impressão lhes causou. Referindo-se a Santarém, Palgrave escreve que 'Here, as everywhere in Portugal, our inquiries were answered with uniform courtesy by rich and poor. Few strangers can visit Santarem; yet there was no staring or cry after us in the narrow streets' (70)

Pode afirmar-se com convicção, em resumo, que a viagem a Portugal do Poeta Laureado e dos seus amigos esteve longe de ser um fracasso, podendo mesmo ser classificada como um relativo sucesso, atendendo a que, como Rose Macaulay observa, 'It was the wrong time of year... It was too hot, and there were flies, flees and mosquitoes'. (71)

Tennyson e Palgrave partiram de Lisboa a 7 de Setembro rumo a Southampton, onde chegaram no dia 13, depois de uma travessia de seis dias com mares agitados. Como Palgrave observa, a saída do porto de Lisboa, a bordo do "Tagus", fazendo convergir as impressões de Tennyson com as suas através do uso da primeira pessoa do plural:

As we left the harbour on a golden morning, the city itself — now familiar in names and arrangement, and where also we left kind friends, Portuguese and English — passing before our eyes like some great picture, appeared far more beautiful than at our arrival... it is a scene which we looked at, for the last time, with regret, even when steering for our fairer England. (72)

No seu diário manuscrito de 1859, Palgrave enfatiza de novo as recordações memoráveis que Portugal deixou na alma dos dois companheiros, ao escrever que 'a very pleasant recollection [of Portugal], its sights and its inhabitants, always remained with us'. (73)

(69) *Ibidem*, pp. 10-11. Esta bem poderia servir como regra de ouro a ser observada por visitantes estrangeiros que escrevem as suas memórias de viagem.

(70) *Ibidem*, p. 121.

(71) *They Went to Portugal*, *op. cit.*, pp. 187-188.

(72) 'A Fortnight in Portugal in 1859', *op. cit.*, p. 122.

(73) Diário manuscrito de Palgrave, p. 31. De Southampton, e para compensar Palgrave por não terem visitado Espanha, Tennyson propôs levar o amigo até Cambridge, lugar que este só visitara em criança e que o Poeta Laureado ansiava rever. (Veja-se a este propósito a sua carta a Emily Lady Tennyson, escrita de Southampton a 13 de Setembro. *The Letters of Alfred Lord Tennyson*, *op. cit.*, p. 241. Cf. *Alfred Lord Tennyson: A Memoir*, *op. cit.*, p. 280). Depois de uma noite em Londres, visitaram Lyndhurst e a 'New Forest', em Hampshire, tendo ambos concordado que este lugar era mais encantador do que qualquer outro que jamais haviam visitado. (Vide carta de Emily Lady Tennyson a Edward Lear, enviada de Farringford. *The Letters of Emily Lady Tennyson*, *op. cit.*, p. 84. Vide igualmente a Nota 3 na mesma página).